



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

FABIANE CRISTINA GUIMARÃES

## Memorial de Projeto de Pesquisa

### **Vizinhos da guerra**

**Um retrato íntimo do tráfico de drogas em Formosa, Goiás**

Brasília  
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

FABIANE CRISTINA GUIMARÃES

## Memorial de Projeto de Pesquisa

Memorial referente a projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como componente parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo. Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto de Assis Paniago.

Brasília  
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

FABIANE CRISTINA GUIMARÃES

MEMORIAL DE PROJETO DE PESQUISA

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador

Prof. Dr. Paulo Roberto de Assis Paniago (FAC/UnB)

---

Examinador

Prof. Dr. Solano Nascimento (FAC/UnB)

---

Examinador

Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá (FAC/UnB)

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, por terem dado até o que não tinham para que eu tivesse uma educação digna.

À minha irmã mais velha, Viviane Guimarães, por ter me ensinado desde cedo o conceito de humildade.

Aos meus primos queridos, irmãos de criação, que me ajudaram nessa empreitada, em especial à Fernanda Guimarães, que leu avidamente cada capítulo do meu livro-reportagem conforme era produzido.

Aos professores que passaram por minha vida, desde aqueles que se davam ao trabalho de ler minhas redações gigantescas no ensino médio, aos queridos professores do departamento de jornalismo da UnB, profissionais renomados e competentes: um abraço especial para Dione Oliveira, Luiz Martins, Solano Nascimento, Letícia Renault, Márcia Marques, Zélia Adghirni e Hélio Doyle. Em particular, ao orientador Paulo Paniago, pelo entusiasmo com que me ajudou a concluir o projeto, mesmo quando eu estava insegura e em crise.

Por último, mas não menos importante: a Deus, por ter me concedido a graça de estudar em uma das melhores universidades federais do país.

## **RESUMO**

O combate ao tráfico de drogas nas cidades do Entorno do Distrito Federal é uma missão complicada. As fronteiras entre Goiás e DF parecem não ser suficientes para barrar o comércio de entorpecentes que invadem e destroem famílias inteiras. Criada em uma dessas cidades – Formosa – eu conheci de perto os reflexos do tráfico na comunidade, detalhes que não estão narrados no noticiário. Cresci ouvindo boatos dos filhos e netos dos vizinhos, mortos precocemente. Afastada dessa realidade pela rigidez dos meus pais, fui embora da cidade em 2009, para estudar em Brasília. Ao voltar, percebi que nada havia mudado. Dessa vez, resolvi narrar as histórias de uma perspectiva jornalística, prezando pelo desenvolvimento dos personagens – anônimos em meio a uma guerra que não acaba.

Palavras-chave: jornalismo literário; tráfico; personagens; fontes jornalísticas

## SUMÁRIO

<b>1. Apresentação</b> .....	<b>7</b>
<b>2. Problema de pesquisa</b> .....	<b>8</b>
<b>3. Justificativa</b> .....	<b>9</b>
<b>4. Objetivos</b> .....	<b>11</b>
<b>5. Referencial teórico</b> .....	<b>12</b>
5.1 Fontes jornalísticas .....	12
5.2 As fontes no jornalismo literário .....	13
5.3 O livro-reportagem .....	15
<b>6. Metodologia</b> .....	<b>17</b>
<b>7. Considerações finais</b> .....	<b>19</b>
<b>8. Referências bibliográficas</b> .....	<b>21</b>
<b>9. Anexos</b> .....	<b>23</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

Formosa é uma cidade de 96.284 mil habitantes e 5.807 Km<sup>2</sup> de extensão territorial, a 80 km de Brasília. Com grande atividade agropecuária, a região é economicamente rica, com um PIB per capita de R\$ 5.313. Isso, no entanto, não anula o problema social: o tráfico de drogas que se espalha pela região, principalmente nos bairros periféricos ao sul da cidade. A disputa por território entre traficantes culmina em uma guerra que já dura dois anos.

Eu cresci no bairro São Vicente, antigamente conhecido como Vila, uma dessas periferias. Minha mãe e meu pai chegaram ali há 24 anos, quando o tráfico ainda não era um problema e fundaram um pequeno mercadinho, a Mercearia Vila. Com o tempo, o negócio prosperou e eles jamais saíram de lá. Durante a minha infância e adolescência, as primeiras gangues começaram a ocupar as esquinas e, conseqüentemente, fui impedida de brincar nas ruas.

Como minha mãe era dona de um dos principais mercados, e muito querida da comunidade por disponibilizar crédito para os vizinhos de baixa renda, os traficantes sempre nos respeitaram. O meu pai também sempre foi muito valorizado. A única vez em que fomos assaltados, os bandidos não eram do bairro, muito menos da cidade. E todo o dinheiro que se espalhou pela rua durante a fuga de um dos ladrões foi devolvido.

Entre os clientes de minha mãe, estão viciados, traficantes e mães de traficantes. Foi a partir do cotidiano do supermercado que comecei a perceber quão curiosa é a interação entre pessoas ligadas ao tráfico de drogas e a comunidade honesta. A ideia de narrar essas histórias não havia, até então, me ocorrido como possibilidade jornalística. Contava aos amigos e colegas, que nunca acreditaram em mim.

Durante a fase de produção de pré-projeto, dei-me conta de que eu queria falar sobre isso, contar de uma forma mais do que jornalística. O objetivo deste trabalho foi retratar esses personagens das periferias com um olhar humano e desprovido de preconceitos. Para tanto, utilizei técnicas próprias do jornalismo literário e do perfil – gênero biográfico no qual o autor aborda alguns aspectos da vida do personagem a ser retratado, conforme a definição de Vilas Boas. É preciso criar empatia e estudar tudo sobre o entrevistado, até mesmo a linguagem não-verbal.

## 2. PROBLEMA DE PESQUISA

Toda matéria jornalística se constrói a partir de entrevistas feitas a terceiros (LAGE, 2008), as fontes. Mas será que é possível humanizar o relato desses personagens que constroem a notícia? Conforme Sérgio Vilas Boas esclarece em seu livro *Perfis e como escrevê-los*, durante o período em que a revista brasileira *Realidade* fez mais sucesso no país, de 1966 a 1968, os jornalistas podiam passar até mesmo semanas com as pessoas que precisavam entrevistar, com o objetivo de presenciar cenas dramáticas e fornecer um retrato detalhado, com descrições minuciosas.

Vilas Boas também comenta que hoje a situação no jornalismo cotidiano é completamente oposta. As informações precisam ser dadas com rapidez e cada vez mais enxutas. Não há tanto espaço para perfis ou reportagens construídas de forma literária.

O tráfico de drogas, enquanto problema urbano e social, está frequentemente presente nos noticiários. A forma como o assunto é abordado, no entanto, é distante e fria. Fala-se da quantidade de vítimas, da operação policial, de pacificação. Quase nunca tratam de personagens particulares.

O principal questionamento deste trabalho é se é possível transgredir a lógica do jornalismo *hard news*, inserindo o personagem não apenas como alicerce para a construção da notícia, mas como centro dela. O formato livro-reportagem, como é definido por Edvaldo Pereira Lima em *Páginas ampliadas*, permite essa profundidade ao reservar muito mais espaço do que essas pessoas tradicionalmente teriam no jornal local. É possível, dessa forma, falar sobre o tráfico de drogas não apenas de uma forma genérica e global, mas sob a visão da comunidade que convive diariamente com ele?



### 3. JUSTIFICATIVA

A ideia de escrever sobre o tráfico de drogas na cidade de Formosa não surgiu de um acontecimento pontual. Graças ao formato escolhido, de livro-reportagem, esse gancho não era necessário. A situação dos bairros da cidade goiana está presente, de forma até mais grave, em lugares semelhantes do Entorno do DF. A escolha por Formosa partiu de uma ótica bem particular: ao crescer em meio ao tráfico, eu podia me infiltrar com facilidade na intimidade das pessoas que aprenderam a viver desconfiadas.

Eu queria narrar essas histórias. Não somente a do traficante e a do policial, tradicionalmente presentes no noticiário, mas principalmente a de quem orbita ao redor desses dois núcleos: as mães dos meninos que se envolvem desde cedo, as professoras, os integrantes da igreja local. As consequências na vida em comunidade são ressaltadas em vários capítulos porque é preciso lembrar que o tráfico de drogas é um problema de ordem também geográfica. Como tal, afeta principalmente os vizinhos.

Desde criança, a lógica do crime no bairro São Vicente sempre me impressionou. Apesar da guerra, dos tiros que volta e meia eram disparados nas esquinas, das mortes que aconteciam no meio da rua, ninguém estranhava ou falava qualquer coisa. A convivência da comunidade com os bandidos sempre foi pacífica. Era como se, uma vez dentro daquele universo geográfico, estivéssemos blindados da ação deles.

Por ser filha de uma das pessoas mais respeitadas da comunidade, o acesso aos meus personagens foi bem mais fácil. Eles se abriam para mim por respeito e admiração. Pessoas humildes, de baixa escolaridade, que não são acostumadas a serem ouvidas.

Também enfrentei dificuldades, é claro. A falta de segurança que senti em muitos momentos me desanimou e quase me fez desistir. As pessoas diziam com frequência: “Não mexe com isso, menina, você vai morrer”. Outro grande obstáculo partiu do lado “oficial” da história: as instituições que teoricamente deveriam ter a obrigação de levantar e divulgar dados, como a Secretaria de Segurança Pública, não tinham levantamentos para fornecer. Precisei fazer um grande esforço no sentido de encontrar estatísticas que mostrassem a situação em um contexto ampliado.

Um termo que me veio à mente várias vezes durante a realização deste trabalho foi anestesia social. Tornou-se tão comum e previsível, o destino das crianças e jovens, que o tráfico já não gera estranhamento. Todos falam sobre isso com muita naturalidade e desenvoltura. É como se, de tão frequente, os conflitos que resultam em mortes violentas se tornassem normais.

Mais do que escutar os entrevistados, eu optei por conhecê-los, e tentei, diversas vezes, me colocar na pele deles. A reportagem é narrada em primeira pessoa, um recurso próprio do jornalismo literário, para evidenciar essa proximidade.

Eu optei por conservar os diálogos da forma como eles aconteceram para preservar, ao máximo, a oralidade e a ambientação da reportagem. Não quis apenas recorrer ao discurso direto. O hábito de recorrer às aspas como forma de transmitir o discurso muitas vezes faz com que o jornalista se isente da responsabilidade daquilo que diz (PEREIRA JUNIOR, 2006) e isso é prejudicial para a qualidade das informações. Um repórter que sabe ouvir e ler suas fontes também entende como encaixar os personagens na matéria e aí reside a beleza de um texto.

#### 4. OBJETIVOS

Em seu livro *A vida que ninguém vê*, a jornalista gaúcha Eliane Brum reúne uma série de reportagens que retratam pessoas anônimas da cidade de Porto Alegre de forma humanizada. Essa também foi a proposta do livro *Vizinhos da guerra*: falar sobre o cotidiano das pessoas envolvidas com o tráfico de uma maneira aproximada e desprovida de reservas.

A intenção não foi fazer denúncia, apesar de a denúncia estar ali: ao tirar essas pessoas da invisibilidade, o trabalho procura dar rosto para as estatísticas e pincelar características sociais que compõem o problema. A partir dos relatos ouvidos, forma-se uma outra imagem do tráfico, vista de dentro para fora, narrado por uma pessoa que por muito tempo conviveu com a comunidade.

Seria prepotência desejar que este livro sirva como instrumento de combate. A experiência ensinou que o tráfico de drogas é um problema de ordem gravíssima que não encontrará solução do dia para a noite. Pode servir, sim, como modesta contribuição jornalística para entender a dinâmica comunitária por trás desse comércio e, quem sabe, estudar propostas que viabilizem uma mudança real.

## 5. REFERENCIAL TEÓRICO

### 5. 1. Fontes jornalísticas

Conforme a definição de Nilson Lage em seu livro *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística* as matérias jornalísticas nunca são construídas a partir da observação direta do repórter. Elas trazem informações repassadas por terceiros, por instituições ou pessoas que serviram de testemunha, que são chamadas aí de fontes.

Lage recorda que até meados do século XX essas fontes não eram treinadas para isso. Os repórteres ouviam qualquer pessoa, inclusive em portos, aeroportos e estações ferroviárias, onde entrevistavam viajantes e envolvidos em algum acontecimento de relevância pública. Somente após a Segunda Guerra Mundial, conforme explica o autor, os contatos com instituições públicas e pessoas notáveis passaram a ser feitos por intermediação profissional, com a criação das primeiras assessorias de imprensa.

Em *A apuração da notícia*, Luiz Costa Pereira Junior argumenta que essa intermediação, feita muitas vezes em nome da rapidez, prejudica a qualidade dos textos veiculados na imprensa, uma vez que o repórter nem sempre obtém informações consistentes, ou sequer checa aquilo que ouve:

Um dos efeitos colaterais da ideologia da objetividade no jornalismo foi isentar o profissional da responsabilidade direta pelas posições e conclusões que extrai em suas matérias. Liberado da tarefa de analisar as situações que cobre, ajudou a colocar no centro da apuração a fonte especializada, o assessor de imprensa, o técnico, a autoridade, tudo e todos com credencial, referência de pesquisa ou dado com casca científica. (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 93)

O autor se manifesta contrário a essa atitude e defende maior humanização das fontes, visando uma recuperação do caráter pessoal das reportagens, com mais preocupação e tratamento dado aos discursos ouvidos:

A humanização recupera uma profundidade diante das coisas que pode revelar um compromisso com o mundo, um sinal de que ele deve ser humanizado para renovação das pessoas, das relações que mantemos com os outros. Isso implica colocar as pessoas

no centro do noticiário, aprimorar o estilo e aprofundar a apuração, ter apego a detalhes de cenas, gestos e comportamentos, além de conseguir extrair de cada personagem ou fenômeno o sumo que interessa à história que relatamos. (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 100)

O vício de recorrer a especialistas, fontes oficiais e a pressa em escrever retiram, portanto, a humanização que os personagens podem ter no jornal diário. Humanizar é aumentar o charme da matéria. Não por acaso, a descrição é cobrada dentro de redações, como o Correio Braziliense, para fisgar o leitor.

## 5.2 As fontes no Jornalismo Literário

Entrelaçados desde os séculos XVII e XIX, quando escritores dominavam os jornais com seus folhetins (PENNA, 2006), o jornalismo e a literatura podem ser considerados gêneros irmãos. O critério da objetividade, no entanto, invade a imprensa de uma forma que não deixa espaço para que os textos fluam de uma maneira mais estilizada, gostosa de ler (VILAS BOAS, 2003).

O jornalismo literário surgiu como uma corrente que defende o uso de recursos estilísticos da literatura dentro do jornalismo. É uma forma de narrar os fatos diários de maneira mais estilizada e profunda. Com esse novo olhar, a produção jornalística cresce em qualidade textual, por não prezar exatamente a objetividade dos textos curtos e concisos. Isso também se aplica, é claro, aos entrevistados, que recebem outro tratamento.

No jornalismo literário, as fontes são mais do que meros personagens que sustentam a notícia. Muitos entrevistados viram o próprio acontecimento e motivo de análise do repórter, como no caso do perfil. É possível fazer uma leitura bem mais profunda dos relatos ouvidos, como explica Rogério Pereira Borges na tese de doutorado *Autonomia e ruptura: uma proposta teórica para o Jornalismo Literário*:

O Jornalismo Literário, até por, em tese, dispor de mais condições e tempo para apuração das informações, faz leituras mais aprofundadas e críticas do que ouve dos relatos testemunhais. Essa é uma diferenciação importante, porque se leva em conta que a verdade também não está, em seu estado puro, na visão de mundo das fontes, ainda que elas não tenham interesses em jogo. As pessoas ouvidas para as reportagens também

fazem suas próprias interpretações do que veem, sentem, vivenciam. Há um forte elemento subjetivo naquilo que narram. (BORGES, 2011, p. 277)

Borges continua sua reflexão sobre o assunto, no qual defende que o Jornalismo Literário, por escapar do erro de “se alicerçar em pretensas objetividades”, narra muito mais do que aquilo que o entrevistado efetivamente diz, partindo da “observação atenta de comportamentos, gestos, olhares e até a inclusão de pausas e silêncios, aliadas à interpretação desses sinais no entrevistado e em seu contexto” (BORGES, 2011).

O *new journalism*, ou “novo jornalismo”, corrente de jornalismo literário surgida nos EUA em 1956 que contou com a participação de nomes como Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talese, tinha como um dos objetivos fazer um retrato aproximado de personagens. Tom Wolfe fazia isso por meio do emprego de onomatopeias, vírgulas, sinais de pontuação para expressar o que os personagens realmente pensavam, conforme Abreu escreve em artigo intitulado *New Journalism: A experiência literária no jornalismo*.

No caso de Truman Capote, o romance *A sangue frio*, lançado em 1966, que narra o assassinato da família Clutter, nos Estados Unidos, faz uso de técnicas narrativas próprias da literatura para construir a figura de Perry e Dick, os dois autores do crime. Em artigo apresentado na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) em 2011, Amanda Franco, Jadnaelson Souza e Márcia Santos fazem uma interessante análise de como Capote construiu os dois personagens durante a trama e concluem que mais importante que entrevistas com os protagonistas, foi coletar impressões de terceiros sobre eles:

A composição dos protagonistas da narrativa de Capote é baseada, em parte, na inserção dos personagens secundários. São relações de complementação onde a caracterização de Dick e Perry é alicerçada nas declarações de outras figuras da trama. Estes personagens testemunha tornaram os protagonistas redondos, já que as características descritas foram de mais inocentes crianças que sofriam violência até de homens com coração de pedra, que ora sentem pena de suas vítimas, ora têm ódio mortal. Articulados, os protagonistas munem-se de explicações sobre a violência cometida contra a família Clutter. Este jogo de personagem é uma arte nas mãos de quem as utiliza bem. São encontros e desencontros que devem ser adequadamente situados no enredo. (FRANCO; SANTOS; SOUZA, 2011, p.10)

A *Sangue Frio* é um dos romances de referência do Novo Jornalismo, justamente por analisar tão profundamente os personagens de Dick e Perry, resultado da intimidade que Truman Capote criou com ambos.

### **5.3 O livro-reportagem**

A reportagem, segundo Nilson Lage, nasceu da necessidade de cativar o leitor, tornando a realidade tão fascinante quanto a ficção. É uma forma de aprofundar e contextualizar os relatos que, em alguns casos, já surgiram na forma de notícias.

O livro-reportagem é uma extensão desse trabalho. Ele lança um olhar ampliado para a notícia em foco, propondo um relato mais profundo e extensivo, com menção a detalhes que passariam despercebidos. Conforme Edvaldo Pereira Lima define, “o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos.” (LIMA, 2004, p. 26)

Dessa forma, as características do livro-reportagem permitem ampliar um determinado fato de uma forma que o jornalismo diário muitas vezes é incapaz. Edvaldo Pereira Lima explica que essa forma de extensão é feita com muita liberdade, porque não depende dos fatos, pode abusar de cortes temporais e também tratar o assunto sob uma determinada ótica. Lima lista os “instrumentos de captação” que, para além da entrevista clássica, feita no jornal diário, permitem que essa abordagem diferenciada seja feita. Um dos recursos de captação evidenciados por Lima é de “histórias de vida”, uma forma de narrar detalhes biográficos e pessoais sobre os personagens em evidência.

Segundo Edvaldo Pereira Lima, o recurso histórias de vida pode aparecer nos relatos jornalísticos “sob a forma clássica de entrevista – com a reprodução do diálogo entre o entrevistador e o entrevistado – ou como depoimento direto” (LIMA, 2004, p. 115). Outra forma de apresentação possível é aquela que combina essas duas modalidades com apresentação em primeira ou terceira pessoa. Conforme Lima, no entanto, é complicado encontrar livros exclusivamente construídos a partir desse recurso:

Normalmente, o livro-reportagem vale-se do recurso entre tantos outros distribuídos ao longo de suas páginas, o que torna difícil encontrar títulos que sejam, integralmente,

entendidos como histórias de vida. Mas em trechos específicos de diferentes obras pode-se encontrar o emprego do recurso, de forma a realçar o aspecto humanização que se procura em quase todas as reportagens em profundidade. (LIMA, 2004, p. 115)

Em *Vizinhos da guerra*, o recurso de captação histórias de vida é um dos mais utilizados, uma vez que o objetivo do produto era humanizar os relatos ouvidos, inclusive reproduzindo o jeito de falar das fontes. Essa escolha faz parte do caráter biográfico das entrevistas feitas para humanizar, que “surtem no livro-reportagem, em algumas circunstâncias, resgatando a oralidade de certos atores, dessa forma contribuindo para reproduzir as idiossincrasias de certas culturas e de suas relações sociais” (LIMA, 2004).

Outro recurso de captação utilizado largamente em *Vizinhos da guerra* é o método da “observação participante”, que teve seu ápice durante o *new journalism*. A observação participante é um método que propõe a imersão dos jornalistas nos acontecimentos com a intenção de relatar as circunstâncias com a fidelidade de quem experimentou tudo na própria pele. Como o próprio nome sugere, é o ato de observar os detalhes e participar deles. É uma ferramenta que propõe descrição de cenários, objetos e tudo mais que rodear o ambiente retratado.

Em *O novo jornalismo*, Tom Wolfe define a observação participante como um registro de vários outros fatores que influenciam o comportamento de alguém, como os gestos, o estilo de se vestir, os hábitos, as maneiras. Tudo aquilo que também fala sobre o entrevistado, mais do que aquilo que ele também diz.

Esse procedimento explica a interferência que os repórteres podem ter no relato, quando se trata de situações em que eles se infiltraram no contexto. Em *Vizinhos da guerra*, eu escolho o método de narrar em primeira pessoa em vários momentos, como forma de me colocar dentro da reportagem.



## 6. METODOLOGIA

A realização deste livro-reportagem foi facilitada, em partes, porque a imersão no ambiente eu já tinha, uma vez que cresci no ambiente hostil de uma comunidade refém do tráfico. Com o conhecimento de certas regras e costumes – como a questão do respeito aos traficantes – só de memória eu já tinha amplo material de descrição. Faltava-me um contato mais direto com os personagens, algo que tratei de solucionar logo na primeira semana.

Todos os finais de semana, eu ia para Formosa com um roteiro em mente. Com ajuda de familiares e amigos, conversei com várias pessoas, embora nem todas tenham participado diretamente do livro. Fiz um “tour” pelos bairros mais violentos e observei ao máximo a dinâmica existente ali. Para vencer a resistência de alguns entrevistados, como as mães dos ex-viciados mortos – que a todo o momento negavam a situação de seus filhos – utilizei de muita sensibilidade e persistência.

Contei com a ajuda providencial de minha família, que não só conhecia como fez alguns contatos para mim. Foi através deles que consegui falar com um traficante e um ex-traficante. O tempo que esses entrevistados mais “ariscos” me deram foi muito pouco, de 15 a 30 minutos, e eu me esforcei ao máximo para transmitir o que eu pude apreender da experiência.

A observação participante foi muito importante nesse sentido, uma vez que a minha quantidade de perguntas era limitada. Restava observar e tentar entender os códigos por trás daquilo que eles não me contavam. Após entrevistar um ex-bandido e homicida convertido à religião evangélica, por exemplo, notei algo interessante sobre ele – as colegas de igreja que passavam pela rua só o cumprimentavam após ele se manifestar. Essa percepção e ainda outras impressões de terceiros que colhi sobre a figura dele foram fundamentais para embasar o capítulo, no qual fica explícita essa relação de desconfiança e medo que o ex-traficante ainda causa na comunidade.

Uma vez superada a etapa de entrevista, em via de regra realizada no meio da rua, com caneta e bloco de notas, eu imediatamente escrevia o capítulo, para manter frescos na memória os detalhes que mais tarde poderiam fugir. Deixei a questão das autoridades policiais e de justiça por último, porque sabia que essa seria a parte mais complicada, e não me enganei.

O contato com a Polícia Civil de Formosa foi muito fácil, até mesmo porque, com a parca quantidade de efetivo que a unidade dispõe, não existe muita burocracia para o atendimento a jornalistas. O contato foi direto com o delegado, que não hesitou em me revelar os problemas enfrentados pela delegacia.

O difícil foi conseguir dados e estatísticas da Secretaria de Segurança Pública de Goiás, que não respondia meus e-mails nem me dava respostas concretas por telefone. A partir desse contato longo e espinhoso, percebi ainda mais como a questão do tráfico de drogas nessas comunidades não é apenas de difícil combate: sobre ele, pouco se estuda e não há sequer um levantamento sério que produza números para investigação.

Partindo da ótica particular, do bairro São Vicente, busquei ampliar esse retrato para outras cidades do Entorno, que vivem a mesma situação, muitas vezes em grau até maior. Um dos últimos capítulos de *Vizinhos da guerra* é, portanto, dedicado a estudar um pouco sobre essa onda de violência que atinge os municípios de Goiás que circundam Brasília.

Para preservar a identidade das pessoas que assim quiseram, eu também optei por modificar os nomes e, na maior parte do livro, só me referi aos personagens com um apelido ou o primeiro pseudônimo. Esse detalhe foi uma escolha para aumentar a proximidade e fugir ainda mais do jornalismo tradicional e diário.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro-reportagem *Vizinhos da guerra*, apesar de modesto, é uma realização pessoal muito gratificante. Mostrar as facetas de uma comunidade com quem estive tão próxima e ao mesmo tempo tão longe é um trabalho que não só me acrescentou muito, do ponto de vista jornalístico, mas que também representou uma forma de reconhecimento das minhas próprias origens.

Uma situação que fez refletir a respeito desse caráter pessoal do projeto foi quando, no processo de apuração, acabei descobrindo o envolvimento de um primo no uso de drogas. Essa revelação foi um choque e representou um conflito muito particular. Eu sabia que meu primo tinha amigos envolvidos no tráfico e foi a respeito do comportamento desses colegas que eu comecei a fazer perguntas. Ele gostou da atenção e, com a condição de que eu não contasse nada para minha tia, resolveu me falar um pouco sobre as próprias aventuras com o consumo de cocaína.

O que mais me surpreendeu não foi o fato de saber que ele era um usuário, mas a percepção de como o uso de drogas é ainda mais natural entre crianças e adolescentes do que eu pensava – quase similar ao consumo de álcool entre adultos. Eu cumpri minha palavra, e não revelei aos seus pais sobre o segredo. Se antes do projeto eu acreditava que a minha família era uma ilha em meio a essa realidade, que só havia caído ali por uma coincidência, já não penso assim. Todos estão no mesmo barco, sujeitos aos acontecimentos descritos no livro.

Mesmo que tenha sido criada ali, sempre vi a situação de um ponto de vista distanciado. O projeto serviu para me fazer perceber como é tudo tão pior do que eu poderia imaginar. Não me importei se correria perigo ou não. E quando me apresentava como estudante, fui muito bem recebida por todos eles, até mesmo pelo traficante.

As autoridades políticas e policiais, por não saberem direito como deter o tráfico, parecem se abster de tentar resolver o conflito. Na repressão, o policiamento é ineficaz. Na prevenção, o Estado não consegue anunciar medidas para evitar com que os jovens se afastem desse destino tão previsível. A impressão é de que existe mesmo um descaso e não apenas no sentido governamental. Os educadores, parentes, amigos e conhecidos também são incapazes de propor melhorias para uma situação que se repete há anos.

O sentido de comunidade, reforçado durante toda a narrativa, talvez seja a chave para superar as mazelas do tráfico. A relação entre os vizinhos é um fator sociológico muito interessante, que pode ser vista em qualquer outra cidade do Entorno, em qualquer outra periferia. Mesmo com as dificuldades, sejam elas financeiras ou sociais, são eles que se ajudam e se sustentam. E se alguém tem o poder de parar a guerra, são eles. Desde que acordem para uma mudança que pode surgir no quintal.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LIVROS

- BARCELLOS, Caco. *Abusado: o dono do morro Santa Marta*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BRUM, \_\_\_\_\_. *O olho da rua*. São Paulo: Globo Editora, 2008.
- CAPOTE, Truman. *A sangue frio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FONSECA, Rubem. *Cidade de Deus*. [In] *Histórias de amor*. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.
- LAGE, Nilson. *A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2008. 7ª Ed.
- LAGE, \_\_\_\_\_. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 2006.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas*. São Paulo: Manole, 2004. 4º Ed.
- LIMA, \_\_\_\_\_. *Livro-reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2006
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. *A apuração da notícia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- TALESE, Gay. *Fama e Anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 2ª Ed.
- TALESE, \_\_\_\_\_. *Honra teu pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- TALESE, \_\_\_\_\_. *A mulher do próximo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- VILAS BOAS, Sergio. *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- VILLALOBOS, Juan Pablo. *Festa no covil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

### ARTIGOS

- ABREU, Allan de. *New Journalism: A experiência literária no jornalismo*. Revista *Etecetera*, nº 19, 2006. Disponível em: <[www.revistaetecetera.com.br/19/new\\_journalism/2.htm](http://www.revistaetecetera.com.br/19/new_journalism/2.htm)>. Maio, 2013.
- FRANCO, Amanda; SANTOS, Márcia; SOUZA, Jadnaelson; *A Construção de Perry e Dick por Truman Capote em “A sangue frio”*. Recife: Intercom, 2011.
- VILAS BOAS, Sergio. *A arte do perfil*. Revista *Biblioteca Entrelivros*, edição de agosto, 2008. Disponível em <[www.sergiovilasboas.com.br/ensaios/arte\\_do\\_perfil.pdf](http://www.sergiovilasboas.com.br/ensaios/arte_do_perfil.pdf)>. Maio, 2013.

## **TESES**

BORGES, Rogério. *Autonomia e ruptura: uma proposta teórica para o Jornalismo Literário*. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

PANIAGO, Paulo. *Um retrato interior – O gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

## **FILMES**

*Cidade de Deus*. Brasil, 2002. Imagem Filmes. Direção Fernando Meirelles. Com Alexandre Rodrigues, Leandro Firmino da Hora, Seu Jorge. 130 min.

*The Godfather* [O Poderoso Chefão]. EUA, 1972. Paramount Pictures. Direção Francis Coppola. Com Marlon Brando, Al Pacino, James Caan. 175 min.

## 9. ANEXOS

### Mapa do Entorno de Brasília

Fonte: Instituto Mauro Borges (IMB)

